



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**CRISTINA GONÇALVES DA SILVA**

**ALFABETIZAÇÃO:  
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA  
E DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2009**

**CRISTINA GONÇALVES DA SILVA**

**ALFABETIZAÇÃO:  
PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA  
E DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Dr<sup>a</sup> Risomar Alves dos Santos.**

**CAJAZEIRAS - PB  
2009**



S586a Silva, Cristina Gonçalves da.  
Alfabetização: processo de aquisição da leitura e da escrita nas séries iniciais / Cristina Gonçalves da Silva.  
- Cajazeiras, 2009.  
39f. : il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Leitura e escrita. 2. Alfabetização. 3. Escrita- séries iniciais. 4. Leitura- séries iniciais. I. Santos, Risomar Alves dos. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37:003-28.31

CRISTINA GONÇALVES DA SILVA

**ALFABETIZAÇÃO:** processo de aquisição da leitura e da escrita nas  
séries iniciais

Monografia aprovada em 27, 02 de 2009

  
Orientadora – Professora Doutora Risomar Alves dos Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

Cajazeiras - PB  
2009

## Dedicatória

*Dedico este trabalho à todos os professores artesãos que inventam, constroem e reformam sua prática através do conhecimento ensinado, do aprendizado com a vida, com os livros, com a instituição, com as pessoas e com a própria história, na perspectiva de melhorar a educação de quem está se educando.*

## **Agradecimentos**

*A Deus, por guiar e iluminar meus passos nessa jornada;*

*Aos meus pais, que apesar das dificuldades, proporcionaram uma vida digna para mim e para meus irmãos.*

*Ao meu marido Raniere, pelo apoio e incentivos para continuar com os estudos, pela força e compreensão.*

*Aos meus filhos: Thiago e Moisés. Eles são a minha vida.*

*Ao grupo gestor da escola Galdino Pires Ferreira, a professora Corrinha e todos os alunos que participaram dessa pesquisa.*

*Aos colegas e amigos, e também a todos aqueles professores que contribuíram para minha formação profissional, intelectual e humana.*

***A TODOS VOCÊS, MEU MUITO OBRIGADO!***

*A consciência do mundo e a consciência de si  
como ser inacabado necessariamente inscrevem  
o ser consciente de sua inconclusão num  
permanente movimento de busca.*

Freire (2007)

SILVA, Cristina Gonçalves. **ALFABETIZAÇÃO**: processo de aquisição da leitura e da escrita nas séries iniciais. (2009). Monografia de conclusão do curso de Pedagogia, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras: PB.

## RESUMO

A alfabetização é uma etapa muito importante na vida das crianças, pois marca toda seqüência escolar. É um processo que desperta interesse porque aponta os caminhos percorridos por elas, na descoberta da língua escrita. Tendo como aporte teórico principal os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1987), que indicam os níveis percorridos pelas crianças na construção do processo da leitura e escrita, esse trabalho monográfico teve como objetivos analisar a escrita das crianças em fase de alfabetização e identificar os níveis em que se encontravam. A pesquisa foi desenvolvida na Escola Municipal Galdino Pires Ferreira com alunos de uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental. O instrumento adotado para coleta de dados foi o teste das quatro palavras e uma frase, que permitiu analisar e identificar o nível em que cada criança se encontrava. Na turma, verificamos alunos em todos os níveis descritos por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1987). A análise permitiu evidenciar a forma particular com que cada criança elabora e processa as informações que recebe, e isso redimensionou o nosso olhar para compreender, não como se ensina, mas sim como se aprende, considerando as diferenças e o ritmo de cada um para atender as necessidades com intervenções adequadas, entendendo a alfabetização como um processo natural do desenvolvimento da criança.

**Palavras-chave:** alfabetização, leitura e escrita.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. Alfabetização e aquisição da língua escrita.....	11
2.1 Níveis de aquisição da língua escrita.....	14
2.2 Alfabetizar letrando.....	16
3. Procedimentos metodológicos.....	19
4. Análise dos dados.....	22
4.1 Nível pré-silábico 1.....	23
4.2 Nível pré-silábico 2.....	25
4.3 Nível silábico.....	27
4.4 Nível silábico-alfabético.....	28
4.5 Nível alfabético.....	28
5. Relatório do estágio.....	30
6. Considerações finais.....	36
7. Referencias bibliográficas.....	38
Anexos.....	40

## 1. INTRODUÇÃO

A alfabetização tem sido alvo de grandes discussões por parte de estudiosos da educação, mais só recentemente de acordo com Ferreiro, houve uma “tomada de consciência sobre a importância da alfabetização inicial como única solução real para o problema da alfabetização remediativa”. (1995, p. 9)

Há muitos anos se observam algumas dificuldades de aprendizagem e altos índices de reprovação e evasão escolar. A dificuldade, após anos de escola, de o aluno escrever um texto coeso e coerente culminando na insegurança lingüística demonstra o fracasso das práticas de ensino. (SOARES, 2006)

Segundo Gurgel (2007, p.35), “todo ano, um de cada seis alunos que entram na 1ª série é reprovado. Outros 18% chegam à 4ª série sem dominar os princípios básicos da leitura e da escrita”. A aprendizagem da leitura e escrita constitui-se em uma das tarefas básicas a ser desenvolvida com os alunos. Aparentemente simples essa tarefa constitui um dos problemas atuais da escola que mais chama atenção, por isso tem sido objeto de estudo. O assunto tem sido questionado por parte de pais, professores e especialistas em educação não só no que diz respeito ao domínio da escrita propriamente dito, mas às repercussões dessa aprendizagem nos vários aspectos da escolaridade.

Aprender a ler exige da criança novas habilidades, e desafios com relação ao conhecimento da linguagem. Por isso, aprender a ler é uma tarefa complexa e difícil para todas as crianças.

A escolha da temática alfabetização surgiu a partir de visitas feitas à escola que tiveram como intenção, levantar dados, ou seja, fazer uma caracterização. Dentre os pontos levantados, obteve-se a informação de que os principais problemas enfrentados por essa escola são as dificuldades de aprendizagem na leitura, na escrita, a repetência e a evasão escolar.

Entendemos que a discussão sobre o processo de alfabetização é um assunto de grande relevância não só para a escola, mas também para nós futuras professoras das séries iniciais, tendo em vista que “o momento crucial de toda a seqüência da vida escolar é o momento da alfabetização”. (LEMLE, 2005, p. 5).

É importante também ressaltar a importância da alfabetização, na medida em que o aluno necessita da leitura e da escrita para situar-se no mundo e compreendê-lo. Ao iniciarmos a alfabetização, ajudamos a criança a marcar um ponto imaginário, através do qual dará início a sua meta, e ao seu caminho.

Essa pesquisa justifica-se por possibilitar um olhar mais abrangente sobre a alfabetização no sentido de que mudanças significativas venham a ocorrer no contexto educacional. Fundamentada em estudos científicos, o estudo possibilita compreender os fatores que influenciam direta ou indiretamente no processo de construção do conhecimento, assim como, a importância da formação dos educadores que atuam no processo de alfabetização das crianças, pois essa pesquisa não demonstra mais um método a ser utilizado, mas reivindica, uma mudança na forma de pensar, praticar, e conceber a alfabetização.

Na tentativa de colaborar com a discussão sobre os problemas que afetam o desenvolvimento da aprendizagem na escola, e na busca de alternativas e métodos que possam minimizar o fracasso escolar, decidimos investigar em que estágios do processo de aquisição da linguagem escrita estão os alunos. Para responder a esta questão, formulamos os seguintes objetivos:

- Analisar a escrita das crianças em seu processo de alfabetização;
- Identificar os níveis de aquisição da língua escrita dos alfabetizandos, a partir das concepções de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1987).

Assim, esta monografia é estruturada da seguinte forma: introdução, referencial teórico contendo três subitens, metodologia, análise dos dados, relatório do estágio, considerações finais, referências bibliográficas e anexos.

## 2. ALFABETIZAÇÃO E AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA

*A aprendizagem escolar nunca parte do zero. Toda a aprendizagem da criança na escola tem uma pré-história.*

Vygotsky (1991)

Este trabalho tem como suporte as obras de Ferreiro & Teberosky (1987), e Grossi (1990), que através de estudos sobre o processo de alfabetização, forneceram embasamento teórico para a referida pesquisa.

Foi a partir das pesquisas de Ferreiro no final da década de 70, que se começou a observar a grande importância da alfabetização e a estreita relação entre a criança e o meio escrito. Segundo Ferreiro (1993) o processo de alfabetização começa antes mesmo do início de uma instrução formal na escola, isso porque

Muito antes de serem capazes de ler, no sentido convencional do termo, as crianças tentam interpretar os diversos textos que encontram a seu redor (livros, embalagens comerciais, cartazes de rua), títulos (anúncios de televisão, histórias em quadrinhos, etc.). (FERREIRO, 1993, p. 69).

Assim, faz-se necessário considerar o conhecimento prévio que a criança traz para a escola. Quando a criança inicia o processo de alfabetização, torna-se mais fácil interpretar palavras que fazem parte do seu contexto, cotidiano social e familiar.

Mesmo concebendo as aprendizagens como sendo externas a escola, esta tem papel fundamental no ensino da leitura e escrita, embora na maioria das vezes, com seus métodos, desconsidere a forma própria de pensar da criança, ou seja, suas construções individuais. Assim, um número significativo de crianças fracassa em seu processo de alfabetização. Para Ferreiro (1995) a alfabetização escolar inicial viabiliza todo o processo de desenvolvimento da aprendizagem do educando.

Ferreiro e Teberosky (1987) ressaltam que entre as propostas metodológicas e as concepções infantis, existe uma distância que pode medir-se em termos do que a

escola ensina e do que a criança aprende. Muitas vezes, o que a escola pretende ensinar nem sempre coincide com o que a criança consegue aprender. Para Ferreiro

Há uma série de passos ordenados antes que a criança compreenda a natureza de nosso sistema alfabético de escrita (...) cada passo caracteriza-se por esquemas conceituais específicos. Nenhum desses esquemas conceituais pode ser caracterizado como simples reprodução – na mente da criança – de informações fornecidas pelo meio. Esses esquemas implicam sempre um processo construtivo no qual as crianças levam em conta parte da informação dada, e introduzem sempre ao mesmo tempo, algo de pessoal. (1995 p. 69-70).

Durante muito tempo, nas práticas de ensino consideradas tradicionais, a escrita foi transformada pela escola de objeto social em objeto escolar, “procede-se sempre como se o mundo da escrita fosse apresentado à criança a partir do momento em que ela tem acesso à escola”. (BARBOSA, 1994, p. 50). Com isso, a escrita foi reduzida a um instrumento para evoluir na escola, para passar de ano. Essa posição precisa ser repensada, pois a escrita só é importante na escola, por ser também fora dela.

A psicogênese da língua escrita possibilita não só um novo pensar sobre o ato de alfabetizar, como também sobre todo o processo de construção do conhecimento do indivíduo, enquanto ser pensante e criativo, dotado de capacidades inatas e adquiridas.

O processo de aquisição da linguagem escrita precede e excede os limites escolares, sendo, por isso, o próprio aluno o ponto de partida de toda aprendizagem. Este vive num mundo onde a escrita é fator presente nas ruas, permitindo que já se reflita sobre o processo.

Para Ferreiro (1993) a leitura e a escrita são sistemas que se constroem paulatinamente. Assim, as primeiras escritas dos alunos em processo de alfabetização devem ser consideradas como escrita de muito valor, pois o aluno faz um grande esforço para representar algo.

Assim, faz-se necessário que professores alfabetizadores considerem as escritas das crianças do ponto de vista construtivo, que representa a evolução de cada uma. De acordo com Ferreiro (1993) mesmo considerando que muitas crianças iniciam a alfabetização na escola, é importante frisar que

O desenvolvimento da alfabetização ocorre sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais, assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças. Quando tentam compreender, elas necessariamente transformam o conteúdo recebido. Além do mais, a fim de registrarem a informação, elas a transformam. (FERREIRO, 1993, p. 24).

Disso decorre afirmarmos que as aprendizagens não são exclusivas da escola e muito menos dos métodos desenvolvidas pelos professores. Elas acontecem espontaneamente a partir das interações com o meio social. Conforme Ferreiro, "as crianças iniciam o seu aprendizado do sistema de escrita nos mais variados contextos". (1995, p. 98).

Alfabetizar vai além do restrito espaço da sala de aula. É um processo resultante das relações entre os elementos que compõem o universo do aluno. Desse modo, provoca transformações, porque a alfabetização tem uma função social e todos necessitam aprender como seres ativos dentro de um processo histórico.

Ferreiro e Teberosky (1987) concebem a alfabetização como um processo construtivo onde a criança busca a aprendizagem na medida em que constrói o raciocínio lógico, e que o processo evolutivo de aprender a ler e escrever passa por níveis de conceitualização que revelam as hipóteses a que chegou a criança.

Assim, destacaram em *Psicogênese da Língua Escrita* (1987) cinco hipóteses de construção externadas pelas crianças, que são fundamentais para a compreensão de como estas adquirem a linguagem escrita: nível 1= hipótese pré-silábica; nível 2= pré-silábico 2 ou intermediário I; nível 3= hipótese silábica; nível 4= hipótese silábico-alfabética ou intermediário II; nível 5= hipótese alfabética.

## 2.1 Níveis de aquisição da língua escrita

*Um nível é construído por um conjunto de condutas, determinado pela forma como o sujeito vivencia os problemas num momento do processo de aprendizagem.*

Esther Pillar Grossi (1990a)

Para Ferreiro e Teberosky (1987), toda criança passa por cinco níveis até que seja alfabetizada. Conhecer o nível em que cada aluno se encontra é fundamental antes de iniciar o processo de alfabetização. Assim, espera-se que o alfabetizador possa respeitar o ritmo de cada criança, realizando atividades que promovam o desenvolvimento de cada uma.

O nível pré-silábico 1 caracteriza-se pela fase em que a criança acredita que escrever é desenhar o objeto, e não consegue relacionar as letras a língua falada. Nessa fase a criança elabora a hipótese de que a escrita das palavras devem ser proporcionais ao tamanho do objeto. Outra característica desse nível é que "todas as escritas se assemelham muito entre si, o que não impede que a criança as considere como diferentes". (FERREIRO & TEBEROSKY, 1987, p. 183).

O pré-silábico 2 é regido pela hipótese de que "para poder ler coisas diferentes deve haver uma diferença objetiva nas escritas" (*idem*, p. 189). Nessa fase a criança ao tentar escrever, respeita duas hipóteses básicas, a da quantidade de letras (no mínimo três) e a variedade entre elas.

O nível silábico é o início da fonetização da escrita. A criança interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada letra. Acontece neste momento, um conflito entre a hipótese silábica e a quantidade mínima de letras exigida para que a escrita possa ser lida. Nessa fase, a criança precisa usar duas formas gráficas para escrever palavras com duas sílabas, o que vai de encontro às suas idéias iniciais de que são necessários pelo menos três caracteres. O conflito que se gera a faz caminhar para outra fase.

O nível silábico-alfabético mistura a lógica da fase anterior com a identificação de algumas sílabas. É a fase de transição da hipótese silábica para a alfabética. A criança começa a análise alfabética, construindo novos esquemas onde é respeitado

o valor sonoro de cada letra. Nesse momento ela começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente.

Já o nível alfabético é a etapa final desta evolução. Ao chegar nessa hipótese a criança "compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que é a sílaba, e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever" (*idem*, p. 213). A criança não utiliza ainda uma ortografia totalmente correta, precisa ser desafiada a avançar na ortografia.

É importante esclarecer que a caracterização de cada nível não é determinante, podendo a criança estar em um nível ainda com características do nível anterior. Podemos observar isso nos níveis intermediários. De acordo com Grossi (1990a, p.18) "os níveis intermediários são inerentes à existência de níveis, eles representam à maneira de passar de um nível a outro de maior complexidade".

Os níveis intermediários caracterizam-se como momentos do processo em que se evidenciam contradições na conduta da criança e nos quais se percebe perda de estabilidade do nível anterior, bem como a não organização do nível seguinte gerando o conflito cognitivo. Segundo Grossi, "estar num nível intermediário significa estar em conflito, gerado no fato de a pessoa se dar conta da impossibilidade de resolver os problemas que enfrenta" (*idem*, p.18).

A passagem de um nível a outro é marcada por momentos de conflitos, desequilíbrio, busca de equilíbrio e conquistas, onde cada criança possui um ritmo próprio de desenvolvimento cognitivo. (GROSSI, 1990b). Disso conclui-se que, nem todas as crianças de uma mesma idade cronológica irão apresentar o mesmo desenvolvimento cognitivo.

A mudança de um nível para outro vai depender do processo de assimilação de graus de dificuldades, gerada por um conflito interno mediante estímulos recebidos. Isso significa dizer que os níveis são flexíveis, vários são os fatores que podem interferir para que esse processo seja acelerado, pois não estão diretamente ligados a faixa etária, mais sim a maturidade. (FERREIRO & TEBEROSKY, 1987).

## 2.2 Alfabetizar letrando

*A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir.*

Freire (2007)

Atualmente ser alfabetizado, ou seja, saber ler e escrever tem se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas da sociedade contemporânea. Há alguns anos, não muito distantes, bastava que a pessoa soubesse assinar o nome.

A preocupação com o analfabetismo funcional levou muitos pesquisadores ao conceito de letramento em lugar de alfabetização. O conceito de alfabetização tornou-se insatisfatório, isso porque a alfabetização refere-se pura e restrita à aquisição da escrita enquanto aprendizagem de habilidades para a leitura e a escrita. O letramento por sua vez, "focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita" (TFOUNI, 1995, p. 09).

O conceito de alfabetização passou por mudanças significativas ao longo dos séculos, mas só recentemente segundo Soares (2006) o termo letramento tem sido necessário, isso porque

...só recentemente começamos a enfrentar uma realidade social em que não basta simplesmente 'saber ler e escrever': dos indivíduos já se requer não apenas que dominem a tecnologia do ler e do escrever, mas também que saibam fazer uso dela, incorporando-a a seu viver, transformando-se assim seu 'estado' ou 'condição, como consequência do domínio dessa tecnologia' (2006, p. 29).

Hoje, saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa interação plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. É preciso ser capaz de não apenas decodificar sons e letras, mas entender os significados e usos das palavras em diferentes contextos.

Assim, nas sociedades letradas, ser alfabetizado é insuficiente para vivenciar plenamente a cultura escrita e responder às demandas da sociedade. Do indivíduo

já não se requer apenas as habilidades de ler e escrever, mas e principalmente que saiba fazer uso dos mesmos.

A alfabetização hoje, envolve também o desenvolvimento de novas formas de compreensão e uso da linguagem de uma maneira geral. Assim, a alfabetização no sentido do letramento promove ao indivíduo sua socialização, já que possibilita o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, acesso a bens culturais e a facilidades oferecidas pelas instituições sociais.

Alfabetizar letrando é um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo. "A alfabetização é um instrumento na luta pela conquista da cidadania, e é fator imprescindível ao exercício da cidadania." (SOARES, 2006, p. 59).

O aprendizado da leitura e escrita associados ao letramento é um momento importante na educação, que começa na alfabetização e se estende por toda a vida. Consiste em garantir que o aluno consiga ler e compreender textos, em todo e qualquer nível de complexidade.

É importante esclarecer que alfabetização e letramento são processos que se distinguem. Segundo Soares (2004), alfabetização é entendida como aquisição do sistema convencional da escrita, e o letramento é entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais. De acordo com a autora, alfabetização e letramento "distinguem-se tanto em relação aos objetos de conhecimento quanto em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem". (2004, p. 20). Por outro lado, ainda conforme Soares, embora distintos

Alfabetização e letramento são processos interdependentes e indissociáveis: a alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja, em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (2004, p. 20)

Uma vez alfabetizado e letrado, que segundo Soares (2006) são processos indissociáveis, é possível ao aluno ampliar seu nível de leitura e de letramento, de forma a tornar-se um sujeito autônomo e consciente. Em outras palavras, alfabetizar não basta, é preciso promover o letramento. Vale salientar que o fato de a alfabetização e o letramento serem processos distintos não os tornam sucessivos, o ideal é alfabetizar letrando.

Assim como a alfabetização e o letramento são processos que caminham juntos, este trabalho, em específico, buscou repensar a aquisição da língua escrita, baseado no alfabetizar letrando.

Vale a pena ressaltar a importância do alfabetizar letrando na medida em que o aluno necessita da leitura e da escrita para situar-se no mundo para compreendê-lo. É através da leitura e da interpretação de textos que se compreendem os direitos e deveres reservados as pessoas numa sociedade. É também através da leitura e da escrita que são transmitidos valores sociais, morais e culturais de uma geração a outra.

Assim, é de fundamental importância que a escola ensine as crianças, não somente o aspecto formal da escrita, mais também como fazer uso dela. Deve-se incentivar os alunos a usar a criatividade para produzirem seus próprios textos.

A vivência contínua do ato de ler e escrever, desde a educação infantil, capacitará o aluno para compreender textos de diferentes áreas do conhecimento e a interpretar e encontrar soluções para situações-problema. Concluímos então que, saber ler e escrever não é um simples problema de alfabetização. As crianças precisam ler e, sobretudo, entender o que lêem.

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse estudo foi desenvolvido na Escola Galdino Pires Ferreira, pertencente à Rede Municipal de Ensino de Cajazeiras, PB. A escola situa-se na rua Dr. Vicente Leite no bairro Capoeiras, zona sul da cidade, e tem a finalidade de atender os bairros Capoeiras e São Francisco.

Essa Unidade Escolar atende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e a EJA. Foram matriculados no ano de 2008, trezentos e trinta alunos que se distribuíam em treze turmas. A escola consta com um quadro de dezesseis professores, treze com formação superior e três com magistério; três técnicos administrativos, um com formação superior e dois com o nível médio. O núcleo gestor é composto pela diretora, duas vices diretoras e uma coordenadora pedagógica, que recebe auxílio de três funcionárias do apoio pedagógico.

Foram desenvolvidos no ano de 2008 os projetos: Apoio pedagógico a leitura e escrita, e Vivenciando a arte de corpo e alma. O planejamento acontecia mensalmente com o corpo docente, núcleo gestor e agentes do apoio pedagógico. A escola recebeu os recursos do PDE e contou com o apoio do Posto de Saúde – PSF situado no bairro para a aplicação de flúor nas crianças, palestras, e também com os programas Bolsa Escola e PNLD. Os principais problemas apontados pela escola foram as dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita, a repetência e a evasão escolar.

A partir dessa caracterização da escola decidimos trabalhar com crianças em processo de alfabetização, pois supúnhamos que alguns desses problemas apontados tenham origem justamente no início da vida escolar. Assim, a pesquisa foi realizada com vinte e quatro alunos, na faixa etária de 5 a 7 anos, em processo de alfabetização.

Para desenvolver o presente trabalho, optei por uma pesquisa de caráter qualitativo. Segundo Minayo (1994, p.22) “a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas”. A pesquisa qualitativa busca priorizar a qualidade de um fenômeno específico que envolve interpretação na análise de dados.

A pesquisa pretendeu conhecer, descrever e analisar o processo de aquisição da leitura e escrita de crianças em processo de alfabetização e teve como suporte as obras "Psicogênese da Língua Escrita" de Ferreiro e Teberosky (1987), e "Didática da alfabetização" volume I, II e III de Grossi (1990a, b, c), que serviram como alicerce para a fundamentação de conceitos que envolvem o alfabetizar.

O instrumento adotado para coleta de dados foi o teste de leitura e escrita realizado com as crianças que cursam o 1º ano do Ensino Fundamental. O teste consistiu na escrita, leitura e interpretação de palavras e frases pelas crianças. Assim, foi realizado o teste das 4 (quatro) palavras e 1 (uma) frase, proposto por Ferreiro apud Grossi (1990a, p. 57).

O teste sugere um ditado individual de 4 palavras ( uma monossílaba, uma dissílaba, uma trissílaba e uma polissílaba) e uma frase, para detectar o nível de conceitualização de escrita da criança. Em seguida a criança lê o que escreve.

Inicialmente, foi realizado um teste piloto, com 5 (cinco) crianças, como forma de verificar a validade do instrumento de coleta de dados. Em seguida foi realizado o teste com o restante da turma, somando 24 (vinte e quatro) alunos.

Os testes foram categorizados segundo os níveis apontados por Ferreiro e Teberoski (1987), que se caracteriza pela sucessão de níveis cognitivos formulados pelas crianças em processo de conhecimento, a partir da interação com o meio social e escolar. Os níveis estruturais da linguagem escrita explicam as diferenças individuais e os diferentes ritmos dos alunos.

Também foram utilizadas para a categorização dos testes, a trilogia de Grossi (1990a, b, c), "Didática da Alfabetização" volume I, II e III, nos quais a autora dá ênfase aos níveis intermediários 1 e 2.

A partir dos testes, foi realizada a análise do nível de cada aluno no que se refere ao desenvolvimento do processo de leitura e escrita. Por questões de ética foi preferível manter o anonimato dos alunos que serão classificados por letras: A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, X, Z.

TESTE PADRÃO: 4 palavras e 1 frase

Sol

Bola

Menino

Amarelo

O menino joga bola.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

O processo de aquisição da leitura e da escrita consiste em uma trajetória longa em que cada aluno vai conquistando a escolarização. Essa trajetória se caracteriza pela sucessão de níveis cognitivos, formulados pelas crianças em processo de conhecimento a partir da interação com o meio social e escolar. Para Grossi (1990a), os níveis não seguem uma ordem crescente ou linear, mas parcial. Segundo a autora "a caracterização da cada nível não é estanque e perfeitamente definida, porque há noções que se formam simultaneamente sem filiação entre elas e há problemas que perpassam vários níveis" (p. 59).

Sendo o processo de aquisição da escrita o foco de interesse desse trabalho, foram realizados testes com os alunos, tendo em vista caracterizar aspectos desse processo. Na pesquisa como um todo, foram analisados os testes realizados com 24 crianças em fase de alfabetização.

Esses testes possibilitaram entender em que estágio ou nível de aquisição da escrita e leitura cada aluno se encontrava. Para a análise, os testes foram categorizados conforme os níveis apontados por Ferreiro e Teberosky (1987) e Grossi (1990a, b, c). Segundo essas autoras, toda criança passa por cinco níveis de escrita até que esteja alfabetizada: pré-silábico 1, pré-silábico 2 ou intermediário 1, silábico, silábico-alfabético ou intermediário 2 e alfabético.

Durante a aplicação dos testes foi constatado que todas as crianças sabem grafar letras, tem a compreensão da organização espacial da página, em nosso sistema de escrita, a idéia de que a ordem significativa das letras é da esquerda para a direita na linha, e de que a ordem significativa das linhas é de cima para baixo na página. É importante ressaltar que todas as crianças utilizam como forma básica de escrita a letra maiúscula de imprensa (bastão).

De acordo com Lemle (2005) esse saber constitui uma das capacidades necessárias para o alfabetizando, por isso precisa ser estabelecido logo no início do trabalho de alfabetização e afirma "dessa compreensão decorre uma maneira muito particular de efetuar os movimentos dos olhos na leitura". (p. 12)

Os dados abaixo ilustram os resultados dos testes que tiveram como objetivo, identificar os níveis de construção da escrita em que as crianças se encontram. Na turma encontramos todos os níveis do processo de construção da escrita das crianças descritos por Ferreiro e Teberosky (1987). Comparamos as atividades aplicadas aos alunos com a teoria e apresentamos a seguir, o nível em que cada uma se enquadra.

#### 4.1 Nível pré-silábico 1

As crianças nesse nível, trabalham sobre a hipótese de que qualquer escrita deve ter o mesmo número de grafias. Outra característica básica neste nível conforme Ferreiro e Teberosky (1987, p. 189) é que *“a leitura do escrito é sempre global, e as relações entre as partes e o todo estão muito longe de serem analisáveis: assim, cada letra vale pelo todo”*. (grifo das autoras). Neste nível a criança ainda não descobriu nenhum tipo de correspondência entre grafias e sons, *“todas as escritas se assemelham muito entre si, o que não impede que a criança as considere como diferentes”*. (*idem*, p. 183).

Neste nível encontramos quatro alunos. Como exemplo temos a escrita do aluno A que utiliza desde o princípio duas grafias para qualquer proposta de escrita, mesclando número com letra e também fazendo inversão de letras, mas cuidando da variedade das mesmas. Este aluno já memorizou seu nome e escreve corretamente, porém não conhece nem mesmo as vogais. Para o teste, apesar de grafar letras bem definidas, sua escrita ainda trás as características do nível pré-silábico 1, conforme mostra a figura 1 em anexo.

Já o aluno B grafa seu nome corretamente, porém para escrever as palavras do teste: sol, bola, menino e amarelo utiliza grande quantidade de caracteres, fazendo pouca distinção na escrita dos mesmos. Ex: OANMRANARANMOAAOBAEVICONBTOMERBOCTO para a palavra sol. Na escrita da palavra bola, menino e amarelo mudou apenas a letra inicial, e para a frase utilizou metade das letras dessas palavras, conforme a figura 2.

Quanto à leitura, primeiro ele falou o nome de todas as letras e depois fez a leitura global. Em sua escrita quase não faz *diferenciações interfigurais*<sup>1</sup>, utilizando as mesmas letras na escrita de várias palavras. Segundo Ferreiro

Algumas crianças em um dado momento de seu desenvolvimento escrevem qualquer nome com a mesma quantidade de letras, (isto parece ser um dos procedimentos para combater uma perturbação: se não se pode encontrar nenhum princípio geral para controlar as variações de quantidade, pode-se procurar controlar esta perturbação, fixando de uma vez por todas o número de caracteres). (1993, p. 18).

Observa-se que apesar de grafar e conhecer uma grande variedade de letras o aluno B não consegue associar o som das mesmas, ou seja, não associa a palavra escrita a sua pronúncia e sua escrita não é regida pela hipótese da quantidade mínima. O aluno só para de escrever quando a linha do caderno termina.

Tomando por base os estudos de Ferreiro (1995) evidencia-se pouco progresso cognitivo no aluno B, isso porque na escrita das palavras ele não consegue perceber a semelhança com que as escreve. Assim por não ter encontrado nos exemplos de Ferreiro algo que se configurasse com o tipo de escrita do aluno B, que apresenta um pouco das características do nível 1 achou-se por bem classificá-lo como pré-silábico.

Quanto a sua grafia descontextualizada, supõe-se que esta seja conseqüência de uma alfabetização pautada em métodos sintéticos. Esse método sintético é um processo que consiste em ensinar partindo de unidades menores, as letras, para se chegar ao todo, palavras e frases.

Nos grafismos dos alunos C e D também se evidencia o método de ensino sintético.

---

<sup>1</sup>- Termo utilizado por Ferreiro (1995).

Em todos os grafismos eles utilizam parte de seus nomes e suas escritas não são regidas pela hipótese da quantidade mínima. Apesar de conhecerem muitas letras, o que caracteriza estarem neste nível pré-silábico é que, “as crianças conceitualizam a escrita como um conjunto de formas arbitrárias (...) que não representam os aspectos figurais do objeto” (FERREIRO, 1999, p. 84).

#### 4.2 Nível pré-silábico 2 ou intermediário I (diferenciação na escrita)

Neste nível a criança demonstra a intenção de criar diferenciação entre seus grafismos tanto na quantidade como na qualidade. Assim, muitas vezes por conhecer um reduzido repertório de letras ou até de palavras, a criança varia a ordem em que às dispõe, para poder produzir outras escritas. Segundo Ferreiro

As crianças exploram [...] às vezes, variações sobre o eixo quantitativo (varia a quantidade de letras de uma escrita para a outra, para obter escritas diferentes), e, às vezes, sobre o eixo qualitativo (variar o repertório de letras que se utiliza de uma escrita para a outra; variar a posição das mesmas letras sem modificar a quantidade) (1995, p. 24).

Neste nível a criança não tem ainda a noção da sílaba, e não relaciona a linguagem oral com a escrita. Segundo Grossi (1990a, p. 56) na escrita pré-silábica 2 “há completa ausência de vinculação entre a pronúncia das partes de uma palavra ou de uma frase e sua escrita”.

Podemos evidenciar essa característica nos grafismos dos alunos E, F, G e H que para grafarem as palavras e a frase agrupam letras que se repetem em todas as escritas, mas fazem *diferenciações interfigurais* entre as mesmas. Na leitura fazem de forma global, visto que segundo Ferreiro e Teberosky (1987, p. 189) “neste nível a leitura do escrito é sempre global”.

Outra característica deste nível é que a criança trabalha com a hipótese de quantidade mínima de caracteres que devem compor a escrita (Ferreiro e Teberosky, 1987). Surge então a necessidade de variar esses caracteres, e a

criança tem que utilizar ao máximo, as combinações possíveis entre as poucas letras que conhece.

Podemos constatar que isso ocorre na escrita da aluna I que para escrever as palavras sol e bola, palavras primárias no processo de alfabetização, escreve-as de modo alfabético, porém para as demais palavras e a frase utiliza um repertório de letras restrito, variando apenas suas posições, conforme a figura 3.

De acordo com Grossi (1990a) neste nível as palavras começam a ter certa estabilidade. Assim no teste das quatro palavras e uma frase "os alunos do nível intermediário 1 julgam que a palavra dissílaba que já foi escrita e que entra na frase deve se conservar como antes" (p. 57), isso podemos constatar nos grafismos dos alunos J e K.

Apresentamos como exemplo o aluno J que trabalha com a hipótese do eixo quantitativo, nunca inferior a três letras e sobre o eixo qualitativo, com a variação necessária para que uma seqüência de grafias possa ser interpretada, como afirma Ferreiro (1995). Este utiliza quatro caracteres para cada palavra, sendo que para bola escreveu no nível silábico-alfabético, apenas inverteu a última sílaba: BOAL. Na escrita da frase, para cada sílaba, utilizava uma letra sem valor sonoro convencional, sendo que a palavra BOLA na frase permanece igual à escrita dessa palavra quando escrita isoladamente, como mostra a figura 4.

O aluno L em seus grafismos faz a inversão de algumas letras (CBP) e apóia-se na hipótese da quantidade mínima nunca inferior a três caracteres. Deste mesmo modo escreve o aluno M que utiliza para todas as palavras e a frase quatro caracteres, como é mostrado na figura 5.

Ambas as escritas se assemelham, visto que esses alunos fazem variações qualitativas, ou seja, variam a qualidade das letras e a posição das mesmas usando *diferenciações interfigurais* para obter escritas diferentes. Utilizam as letras de forma convencional, mas sem valor sonoro. Já na leitura das palavras fazem-na de modo global. Encontramos neste nível nove alunos.

### 4.3 Nível silábico

Segundo Ferreiro e Teberosky (1987, p. 193) “este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita (...) cada letra vale por uma sílaba”. Assim este nível é marcado pelo início da fonetização da escrita, ou seja, a criança escreve relacionando as unidades da escrita às unidades da fala. Ela descobre que a escrita representa partes sonoras da fala e passa a escrever uma letra para cada sílaba, controlando a quantidade necessária de sílabas para cada palavra, seja com valor sonoro ou não.

Para escrever neste nível, a criança faz a correspondência quantitativa das sílabas orais e registra para cada emissão sonora, uma letra. De acordo com Grossi “nas palavras isoladas, cada sílaba oral é escrita com uma letra e nas frases cada palavra é representada por uma letra” (1990b, p.17).

Neste nível cada criança apresenta características peculiares, isto é, silábico a seu modo. Assim pode marcar sua escrita com letras, com valor sonoro e ou sem valor sonoro, apenas com vogais ou com consoantes. Para exemplo temos os grafismos dos alunos N, O e P que escrevem apenas com vogais com valor sonoro convencional, conforme a figura 6 (escrita do aluno O).

Quando aprendem o valor convencional das letras do alfabeto, as crianças utilizam para cada sílaba, uma letra (vogal ou consoante) com valor sonoro convencional, ou seja, descobrem que além da quantidade é necessário a qualidade das letras.

Por disponibilizar de um repertório de letras bastante razoável nesse nível, a criança que tem a escrita sem valor sonoro convencional, varia muito as letras nas escritas, sendo que qualquer letra pode servir para qualquer som, mas sempre considerando o total de sílabas. Conforme Grossi (1990a, p. 59) “ela pode começar a juntar letras para formar palavras sem preocupação com seus sons específicos”. Assim uma palavra trissílaba deve conter na hipótese da criança três letras. Essas características foram observadas na escrita da aluna Q.

Na escrita de outras crianças como o aluno R e S nota-se a mescla entre os níveis silábico e silábico-alfabético, que utilizam em suas escritas tanto vogais como consoantes como mostra a figura 7 (escrita do aluno R).

A hipótese silábica é um período de grande importância para o desenvolvimento de todo o processo de construção da escrita, pois é o que gera mais conflitos cognitivos na criança. Neste nível encontramos seis alunos.

#### **4.4 Nível silábico-alfabético ou Intermediário 2**

Para Ferreiro e Teberosky (1987), nessa fase ocorre a transição da hipótese silábica para a alfabética. De acordo com as autoras a criança "descobre a necessidade de fazer uma análise que vá mais além da sílaba pelo conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima de grafias". (p. 196). A criança começa a perceber que escrever é representar progressivamente as partes sonoras das palavras, ainda que não o faça corretamente.

Nesta fase, o aluno pode acrescentar ou omitir algumas letras, o que não pode ser encarado como erro. Isso acontece porque as crianças ainda têm dificuldades de percepção visual ou auditiva, porém é nesse momento que elas percebem que o som de uma sílaba pode ser escrito com mais de uma letra.

A criança que se encontra no nível silábico-alfabético já diferencia letras de sílabas e percebe que não pode representar uma sílaba grafando apenas uma letra, assim encontra o conflito quantitativo e acaba por aumentar letras aleatórias à palavra que deseja escrever. Ainda nesse nível, pode acontecer de a criança grafar algumas sílabas completas e outras não. Encontramos neste nível três crianças, T, U e V. Utilizaremos como exemplo de escrita silábico-alfabético, o teste da aluna T, conforme a figura 8.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

#### **4.5 Nível alfabético**

Esta é a etapa final da evolução, pois a criança ao chegar nessa hipótese compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros

menores que a sílaba e realiza sistematicamente, uma análise sonora dos fonemas nas palavras que necessita escrever. A criança passa a dominar o valor das letras a das sílabas, faltando apenas o domínio da ortografia.

Porém cabe ressaltar que essa fonetização não é nem instantânea nem definitiva. É comum encontrar crianças, que ora escrevem com sílabas completas, ora de forma silábica, mesmo apresentando escrita alfabética.

Outra característica do nível alfabético relaciona-se com a segmentação das palavras, ora as crianças escrevem tudo emendado, ora partem a palavra em vários pedaços, pois ao concentrarem-se na sílaba acabam por não identificar as várias categorias lingüísticas. (GROSSI, 1990c). Neste nível alfabético encontramos duas crianças. Como exemplo de escrita sem segmentação, temos a escrita do aluno X que escreve sem deixar espaços entre as palavras, quando se trata de uma oração, como mostra a figura 9.

O aluno X fez a leitura silábica correta, porém tem a noção de que a quantidade de sílabas é determinada pelo número de letras. Assim mesmo pronunciando a palavra como, por exemplo, bola ele contava as letras e dizia que se abria a boca 4 vezes para falar essa palavra e assim sucessivamente com as demais palavras.

É comum também nessa fase acontecer falhas na escrita, pois as crianças dão ênfase à adequação fonética do escrito ao sonoro. De acordo com Lemle "essas falhas serão superadas gradativamente com a prática da leitura e da escrita" (2005, p. 41). Ainda nessa fase a criança começa a perceber que uma letra tem mais de uma função e assumem sons diferentes em diferentes situações. Vejamos a escrita do aluno Z que na frase escreve goga para joga, troca o J pelo G que são sons bastante parecidos, como mostra a figura 10.

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1987) o nível alfabético constitui o final da evolução construtiva da leitura e da escrita. Segundo as autoras "a partir desse momento a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito" (p. 213). O aluno continuará progredindo, eliminando suas dúvidas uma a uma, se tiver a oportunidade de uma aprendizagem marcada pela elaboração pessoal e reflexão lógica.

## 5. RELATÓRIO DO ESTÁGIO

De acordo com Barreiro & Gebran o relatório do estágio

Se constitui num processo de elaboração que perpassa todo o estágio, construído a cada momento, já que é um instrumento de registro, de reflexões, daquilo que se mostra como essencial para a compreensão e a execução do projeto de pesquisa. (2006, p. 105).

O estágio é o momento com o qual confrontamos conhecimentos adquiridos teoricamente, com a realidade da sala de aula, na resolução de problemas que surgem e que fazem parte do ensinar e do aprender.

No estágio colocamos em prática os conhecimentos que nos apropriamos ao longo da formação docente. Esses conhecimentos nos orientam para que façamos a mediação entre a teoria, o ensino e as aprendizagens, favorecendo uma ação pedagógica significativa. Conforme Barreiro & Gebran (2006, p. 90) “o estágio é o momento da integração entre teoria e prática”.

Assim, parafraseando a formulação Kantiana (apud LOPES, 1986, p. 58) sobre a relação entre a teoria e história e vice-versa, “a teoria sem história é vazia; a história sem teoria é cega”, podemos trazer essa base para a prática de ensino no sentido de que *a teoria sem a prática é vazia, a prática sem a teoria é cega*, isso porque a teoria não é composta de regras a serem aplicadas, ela é formulada a partir dos conhecimentos da prática, ou seja, de uma realidade concreta.

É no estágio, portanto, o momento ao qual recorreremos às teorias que nos auxiliam na resolução de problemas que podem surgir na prática. De acordo com Barreiro & Gebran

Educadores precisam de formação teórica e da concretização da teoria na prática, adquiridos em situações didáticas que permitam que os conhecimentos aprendidos, de diferentes naturezas e experiências, possam ser experimentados em tempos e espaços distintos, de maneira crítica e reflexiva. (2006, p. 89)

Neste capítulo, farei o relato de momentos do estágio supervisionado de maior relevância para a pesquisa que tem como tema ALFABETIZAÇÃO: leitura e escrita

nas séries iniciais, e foi desenvolvida na escola Galdino Pires Ferreira na turma da 1ª série do ensino fundamental com vinte e quatro alunos.

A referida pesquisa teve como objetivos, analisar a escrita das crianças em seu processo de alfabetização, bem como identificar em que nível de aquisição da língua escrita cada criança se encontrava a partir das concepções de Ferreira e Teberosky (1987).

O primeiro passo para conseguir respostas a esses objetivos foi realizar a coleta de dados da pesquisa. Para tanto, foram realizados os testes das 4 palavras e uma frase formulado por Emília Ferreira apud Grossi (1990a , p. 57).

O teste sugere um ditado individual de 4 palavras ( uma monossílaba, uma dissílaba, uma trissílaba e uma polissílaba) e uma frase, para detectar o nível de conceitualização de escrita da criança. Esse instrumento que pode ser chamado também de avaliação diagnóstica orientou todo o estágio, pois para intervir no processo de forma eficaz, assim como o professor, o estagiário precisa conhecer muito bem a realidade da sala de aula que está assumindo.

O diagnóstico permitiu o planejamento e a organização de cada atividade contemplando os conhecimentos já construídos e os que ainda precisavam ser construídos, e as habilidades dos diferentes níveis de conhecimento dos alunos, considerando as diferenças individuais e os diferentes ritmos dos mesmos.

É importante ressaltar que a professora titular esteve sempre presente, auxiliando na escolha do material e ajudando a pôr em prática as atividades planejadas, e que muito esforço foi despendido para fazer os alunos avançarem.

Os conteúdos trabalhados durante o estágio foram: organização de listas de nomes de pessoas, objetos e animais em ordem alfabética; agrupamento de palavras iniciadas com a mesma letra; quantidade de letras de cada palavra; formação de sílabas e palavras; leitura e interpretação de texto; partes que compõem um texto: título e autor; rimas; seqüência dos números; noções de adição e subtração e produção de texto.

Foram trabalhados os conteúdos de arte como, desenhar, colorir, recortar e colar, e também uma dramatização da história infantil "O casamento da dona baratinha" que teve a participação de todos os alunos, e que foi apresentada para a escola no último dia do estágio.

O estágio teve início no mês de outubro. No primeiro dia de aula foi feita a distribuição de crachás com os nomes das crianças. Na ocasião foi organizado um grande círculo com os crachás postos no chão no centro da sala, assim cada aluno tentava encontrar seu nome.

Nessa tarefa, cinco alunos, um que se encontrava no nível 1 e o restante no nível 2 tiveram um pouco de dificuldades, uns porque tinham memorizado apenas a letra inicial, outros, porém não conheciam nem a inicial. A partir desse fato foi realizada como atividade permanente até o fim do estágio, a escrita do nome próprio para fixação.

Com os crachás e com listas de nomes de animais e também de objetos, foram trabalhados leitura, ordenação alfabética e agrupamento por letra inicial. Pelas observações, a tarefa desenvolvida com crachás foi muito satisfatória, pois os alunos puderam perceber que existem semelhanças e distinções entre os nomes, que apesar de terem a mesma letra inicial o resto da grafia apresentará diferenciações.

Na aula seguinte, novamente trabalhamos com os crachás. Dessa vez foi utilizada outra estratégia, os crachás foram distribuídos aleatoriamente aos alunos e eles tentavam descobrir de quem era. Nessa aula foi explorada a letra inicial do nome de cada aluno. Como tarefa, formamos oito equipes de três alunos, cada equipe ficava com duas letras. Para cumprimento da atividade eles recortavam de revistas e colavam numa folha, palavras começadas com as letras indicadas.

O trabalho com recorte e colagem foi muito satisfatório, todos os alunos se envolveram em sua realização. Foi observado que quatro equipes tiveram dificuldades em algumas palavras, isso porque, ora recortavam as palavras no meio para que se adequassem, ora recortavam palavras que tinham no mínimo uma letra igual à letra em estudo. Ex 1: nas palavras salvou, uruguaia e eterna, foram

retiradas a letra inicial, ficando portanto, alvou, ruguaia e terna. Ex 2: letra de estudo C= espécie, S= alagoas. No final da aula fizemos a leitura das palavras, e os trabalhos ficaram expostos na sala.

Em outra aula trabalhamos formação de palavras com o alfabeto e sílabas móveis, e a leitura do poema “bola de gude”. No primeiro momento houve a identificação dos nomes dos crachás pelos alunos, na ocasião mostrávamos cada crachá e pedíamos que o dono viesse pegar, em seguida a escrita do nome próprio. No segundo momento, leitura do poema e exploração de sílabas, seguida de atividade escrita.

No momento da leitura a maioria dos alunos participava muito bem, porém, na escrita muitos tinham dificuldades, mesmo aqueles que já se encontravam no nível alfabético. Isso apontou a necessidade de realizarmos tarefas escritas de pequenos textos, para exercitar a prática de escrever.

Assim nas aulas seguintes trabalhamos a escrita, a leitura e a exploração de alguns textos: “rimas pra crianças”, cantigas “pirulito” e “o cravo e a rosa”. Trabalhar textos já conhecidos pelas crianças facilita e muito a aprendizagem. (Ver atividades em anexo).

Apresentamos também a narração em DVD da história “o casamento da dona baratinha”, onde trabalhamos a atenção e a interpretação. Na ocasião exploramos palavras iniciadas com a letra B, em seguida realizamos treino ortográfico. (Ver em anexo).

No treino ortográfico, duas crianças se recusaram em realizar a tarefa alegando que não sabiam. Antes de propor essa tarefa nós (eu e a professora), deixamos bem claro que todos sabiam escrever, e que cada um escreve do jeito que sabe. No segundo momento, foi realizada atividade livre de desenho, onde sugerimos que desenhassem os personagens da história e tentassem escrever seus nomes.

Apesar de todo esforço, meu e da professora titular, alguns alunos não avançavam. A professora sugeriu que separássemos a turma em dois grupos, por alguns momentos. Assim, como na turma tinha alunos em todos os níveis descritos por Ferreiro & Teberosky (1987), foram formadas duas turmas. A primeira turma era formada por alunos que se encontravam nos níveis pré-silábico 1 e 2, e silábico, e a

segunda turma era formada por alunos dos níveis silábico-alfabético e alfabético. Foram realizadas atividades diferenciadas que tiveram como objetivo fazer com que os alunos avançassem.

A separação era parcial e aconteceram duas vezes, sempre no primeiro horário antes do recreio. Esse momento foi muito proveitoso, pois com as crianças da primeira turma trabalhamos formação de palavras simples, e com a segunda turma, palavras complexas e produção de texto.

Em outro momento, para estimular a linguagem, a atenção e a criatividade dos alunos contei-lhes a história infantil "João e Maria". Todos ficaram empolgados, apesar de alguns já conhecerem a história. No momento da leitura, observou-se a atenção e a curiosidade das crianças, principalmente para ver as gravuras que de certo modo, contam a história.

Depois da exploração sobre aspectos do texto como: título; personagens; o que faziam; o que aconteceu com João e Maria; o que encontraram na floresta; de quem era a casinha e como era, foi sugerido as crianças que representassem por desenhos a história, e depois a recontassem.

Na narração algumas crianças me surpreenderam principalmente aquelas que ainda estavam no nível pré-silábico. Elas narravam a história espontaneamente, sem rodeios, com suas próprias palavras e com a graciosidade de uma criança.

O trabalho com a interpretação de textos é realmente significativo para o desenvolvimento das habilidades de raciocínio e devem constar com freqüência nos planos de aulas.

Durante o estágio ensaiamos com as crianças a dramatização da história "O casamento da dona baratinha" que foi apresentada para a escola no último dia de aula do estágio. Foi um momento prazeroso, pois podemos observar a empolgação das crianças antes e durante a apresentação. (Ver fotos em anexos).

É ressaltada no PCN de Arte a importância de se trabalhar com teatro e consequentemente com a dramatização na sala de aula.

O ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade. Ao observar uma criança em suas primeiras manifestações dramatizadas, o jogo simbólico, percebe-se a procura na organização de seu conhecimento do mundo de forma integradora. A dramatização acompanha o desenvolvimento da criança como uma manifestação espontânea, assumindo feições e funções diversas, sem perder jamais o caráter de interação e de promoção de equilíbrio entre ela e o meio ambiente. Essa atividade evolui do jogo espontâneo para o jogo de regras, do individual para o coletivo. (1997, p. 57)

A experiência do estágio foi de fundamental importância para a nossa formação docente. Através do estágio podemos perceber um pouco da dinâmica da escola e principalmente da sala de aula, o papel do professor e a maneira de agir em diferentes situações.

Apesar de breve, a experiência do estágio possibilitou-nos entender que, para mediar e intervir no processo de alfabetização de forma eficaz precisamos conhecer muito bem, a realidade de nossa sala de aula. Assim precisamos ter sempre em vista os conhecimentos que cada criança já construiu, os que ainda precisa construir, suas necessidades e habilidades. Conhecendo esses pontos, é possível que possamos construir um novo olhar sobre o processo de alfabetização, planejando e direcionando a nossa prática docente.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do material coletado e da experiência do estágio permitiu estabelecer um esquema de desenvolvimento da concepção da escrita pela criança, concluindo-se que há variações no processo de desenvolvimento de criança para criança, e que esse processo não é discreto nem linear, podendo ocorrer superposição de etapas em todos os níveis. (GROSSI, 1990c).

De acordo com Ferreiro e Teberosky (1987) em cada nível, a criança elabora suposições a respeito dos processos de construção da leitura e escrita, com base na compreensão que possui desses processos. Assim a mudança de um nível para outro só ocorre quando a criança se depara com questões que o nível em que se encontra não puder explicar, ela elaborará novas suposições e novas questões e assim por diante. Isso significa que o processo de assimilação de conceitos é gradativo, o que não exclui idas e vindas entre os níveis.

Disso decorre que a caracterização de cada nível não é estanque, podendo a criança estar numa determinada hipótese e mesclar conceitos do nível anterior. Por isso cabe destacar que a caracterização de cada nível não é determinante, podendo a criança estar em um nível ainda com características do nível anterior. De acordo com Grossi

Uma criança no nível pré-silábico, já pode conhecer muitos ou todos os sons de letras, porque ela os associa à inicial das palavras e por esse intermédio pode se assenhorear dessa correspondência. Por outro lado, um aluno pode estar no nível silábico sem atentar para o som convencional das letras. (1990a, p. 59).

Com isso pode-se concluir que cada criança tem seu ritmo próprio de desenvolvimento. Assim, caberá ao professor alfabetizador considerar as diferenças e o ritmo de cada aluno para atender às necessidades com intervenções adequadas, sempre tendo como fio norteador o interesse e a evolução de sua clientela, entendendo a alfabetização como um processo natural no desenvolvimento da criança.

Assim é importante que a escola e o professor ofereçam as crianças o contato constante com os mais variados tipos de textos e isso incluem não apenas livros mais também jornais, anúncios, revistas, receitas etc. A escola precisa oferecer às crianças um ambiente instigador, um espaço onde possam construir o conhecimento.

A concretização desse trabalho permitiu-nos um olhar mais abrangente sobre a prática docente, no sentido de que precisamos refletir cotidianamente sobre a nossa responsabilidade, principalmente em relação às crianças que estão em processo de alfabetização, com as quais a nossa influência como professor é maior.

Sugerimos, portanto, que o professor alfabetizador possibilite a livre participação dos alunos nas discussões, a troca de idéias com os colegas e professores, em situações que favoreçam a construção do conhecimento. Assim é preciso que

...cada professor se veja como um profissional que busca um olhar mais complexo sobre os fenômenos da aprendizagem. É necessário que cada professor torne-se pesquisador de sua própria prática, buscando múltiplos referenciais que permitam encontrar novas formas de ver e fazer educação, pois, quando conhecemos o processo de compreensão das crianças, podemos caminhar com mais segurança por entre essas redes que vão se estabelecendo entre os saberes trazidos por elas e os saberes que são incorporados e ressignificados. (GOMES, 2005, p. 5)

Assim, conhecendo e compreendendo o processo cognitivo de cada criança, enquanto alfabetizadores(as) podemos promover espaços de discussão coletiva, onde possamos dialogar e realizar um planejamento que contemple todos esses saberes. Só assim, com certeza, poderemos ter uma escola mais coletiva, mais solidária, mais habilitada historicamente para reconhecer as diferenças e potencialidades de cada um. (GOMES, 2005).

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. J. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Cortez, 2ª ed. 1994. (Coleção magistério. Série formação do professor; v. 16).

BARREIRO, I. M. F.; GEBRAN, R. A. Estágio curricular na formação de professores: propostas e possibilidades no espaço escolar. In: *Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores*. São Paulo: Avercamp, 2006.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FERREIRO, E.; TEBEROSKI, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FERREIRO, E. *Com todas as letras*. Traduzido por: Maria Zilda da Cunha Lopes; retraduzido por: Sandra Trabuco Valenzuela. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre alfabetização*. Traduzido por: Horácio Gonzáles. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção Questões da Nossa Terra, v. 14).

\_\_\_\_\_. *Alfabetização em processo*. Traduzido por: Sara Cunha Lima; Marisa do Nascimento Paro. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GURGEL, T. Alfabetização. In: *Revista Nova Escola: Ano XXII. nº 204*. Agosto de 2007. p 34-43.

GOMES, S. *Alfabetização*. Ilustrações de Reinaldo Rosa. Curitiba: Positivo, 2005.

GROSSI, E. P. *Didática do nível pré-silábico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 1, 1990a.

\_\_\_\_\_. *Didática do nível silábico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 2, 1990b.

\_\_\_\_\_. *Didática do nível alfabético*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 3, 1990c.

LEMLE, M. *Guia teórico do alfabetizador*. 16 ed. São Paulo: Ática, 2005. (Série Princípios; v. 104).

LOPES, E. M. I. Concepções de história e historiografia. In: *Perspectivas históricas da educação*. São Paulo: Ática, 1986.

MINAYO, M. C. S. Ciência, Técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos. In: *Revista Pátio*. Ano VIII nº 29, 2004.

TFOUNI, L. V. *Letramento e Alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção Questões da Nossa época; v. 47).

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

# ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA



SO            sel (2)  
BOLA        lula (3)  
OOBS        menino (4)  
OSBO        amarelo (4)  
OSO AOSBO    O menino joga bola. (5)

Figura 3: escrita pré-silábica 2 da aluna I. (Reduzido universo de letras).

IODA        sel (1)  
BOAL        lula (1)  
MLAL        menino (3)  
IDML        amarelo (3)  
OIMDIBOAL    O menino joga bola. (4)

Figura 4: escrita pré-silábica 2 do aluno J.

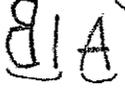
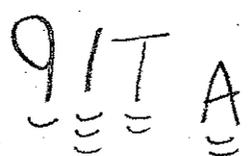
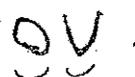
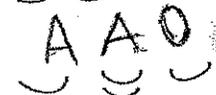
	sol (2)
	leela (3)
	menino (4)
	amarelo (5)
	O menino joga leela. (6)

Figura 5: escrita pré-silábica 2 do aluno L. (Inversão de letras).

	sol (2)
	leela (2)
	menino (3)
	amarelo (3)

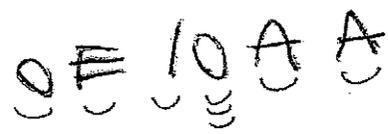
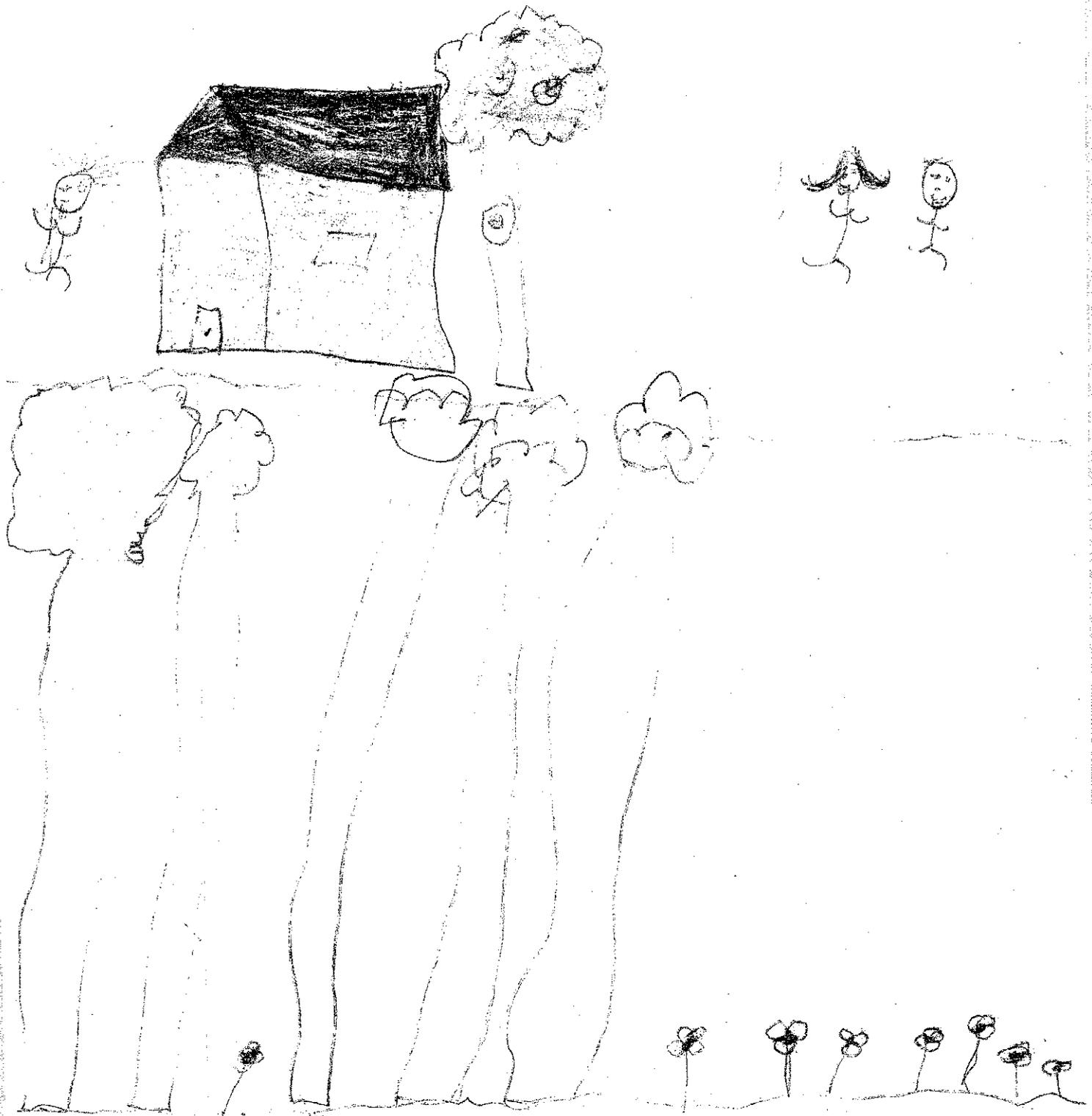
  
 O menino joga leela. (6)

Figura 6: escrita silábica do aluno O. (Utiliza apenas as vogais).

# ATIVIDADES

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

TOKO EMARIA



DATA : 30-10-2008  
NOME:

TREINO ORTOGRÁFICO

- 1 - BELA
- 2 - BALA
- 3 - BOLA
- 4 - BULE
- 5 - BODE
- 6 - BILA
- 7 - BOCA
- 8 - BOFA
- 9 - BOLO
- 10 - BEBO
- 11 - BOI
- 12 - BOTO
- 13 - BARATA
- 14 - BA BA (CABO)
- 15 - CAMA

2002

NOME

TREINO ORTOGRÁFICO

- 1. EA (bela)
- 2. AEI (bala)
- 3. OA (bola)
- 4. UE (bule)
- 5. OE (bode)
- 6. IA (bila)
- 7. OO (boa)
- 8. OT (bota)
- 9. OI (bolo)
- 10. EO (bebo)
- 11. EO (boi)
- 12. OA (boto)
- 13. AE (barata)
- 14. AO (cabo)
- 15. A (cama)

Uma cantiga muito  
antiga, sem dono  
como as brincadeiras,  
para você  
ler e cantar.

O  BRIGOU COM A 

DEBAIXO DE UMA SACADA.

O  SAIU FERIDO

A  DESPEDAÇADA.

O  FICOU DOENTE,

A  FOI VISITAR.

O  TEVE UM DESMAIO,

A  PÔS-SE A CHORAR.

COPIE A LETRA DA MÚSICA,  
SUBSTITUINDO OS  
DESENHOS POR PALAVRAS.

O CRAVO BRIGOU COM A ROSA

DEBAIXO DE UMA SACADA

O CRAVO SAIU FERIDO

A ROSA DESPEDAÇADA

O CRAVO FICOU DOENTE,

A ROSA FOI VISITAR.

O CRAVO TEVE UM DESMAIO

A ROSA PÔS-SE A CHORAR.

ESCOLA: GALDINO PIRES FESFEQ DATA: 1 / 1

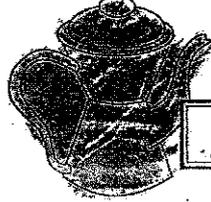
NOME: 95 / 90 / 2004 1RA

# VAMOS ESCREVER?

1 - ESCREVA A LETRA INICIAL DOS DESENHOS:



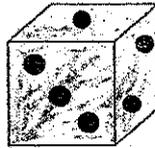
A



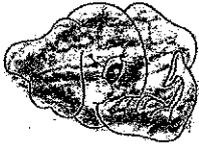
B



C



D



E



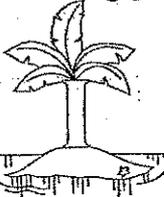
F



G



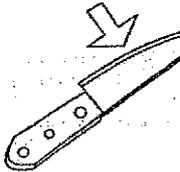
H



I



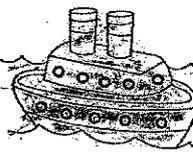
J



K



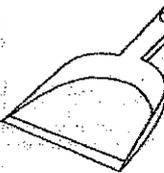
L



M



N



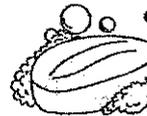
O



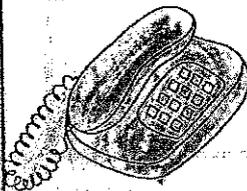
P



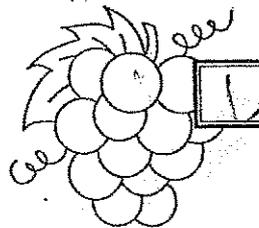
Q



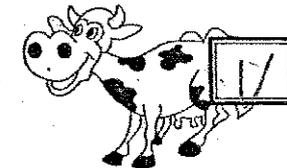
R



S



T



U

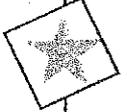


V



W

A

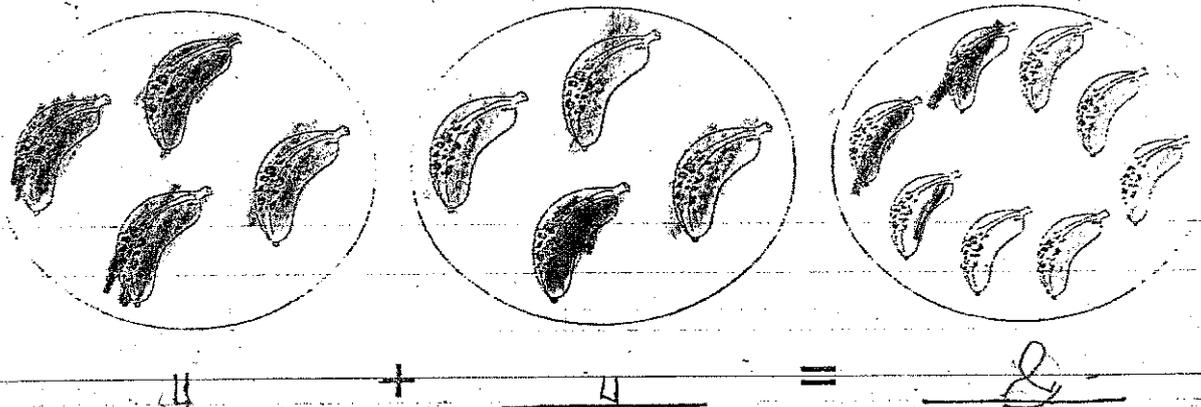
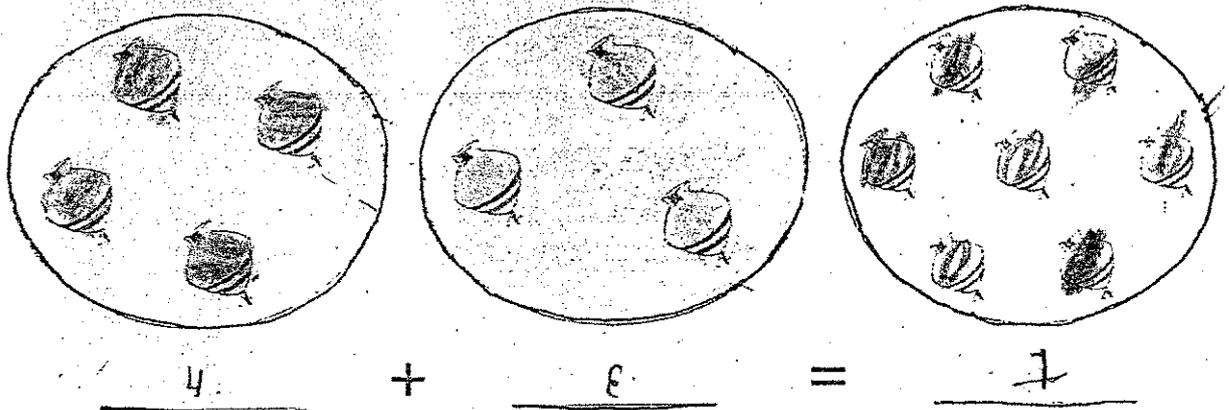
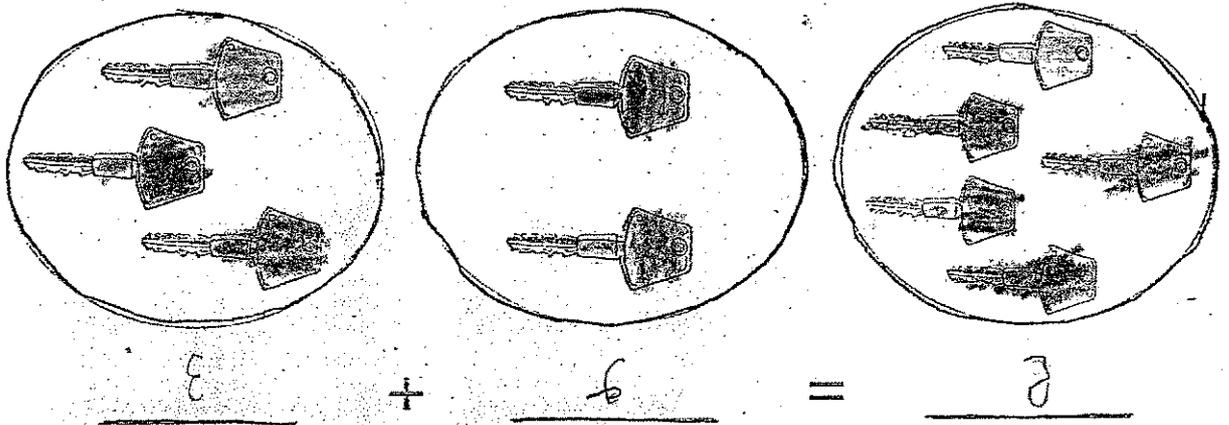
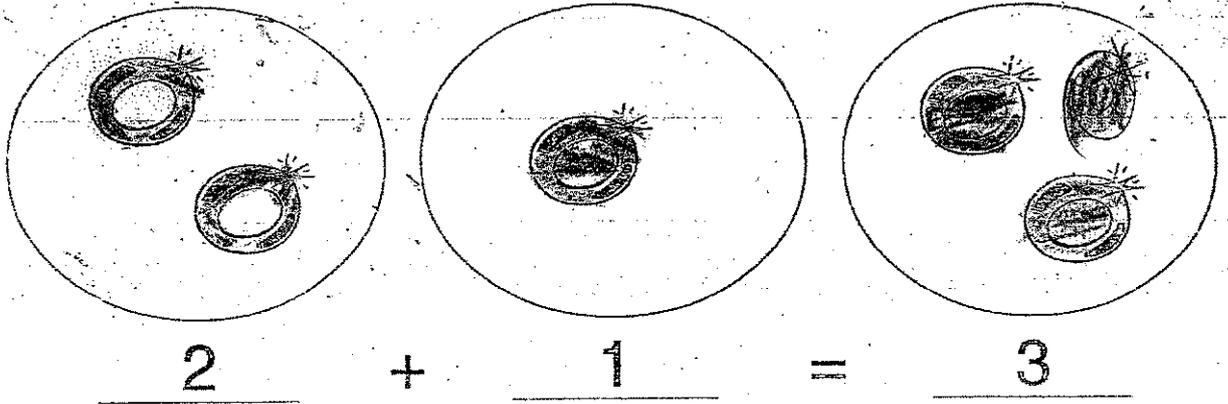


B



C

Vamos fazer a adição:



ESCOLA GALDINO PIRES FERREIRA  
DATA 11 DE NOVEMBRO DE 2008  
NOME: \_\_\_\_\_



Am. 1 1 ☆ ♥ ☆

27/10/2008

NOME ESCOLA GALDINO RIZ FERREIRA

ISTÓRIA DA "DONA BARATINHA" ENCONTRAMOS MUITOS ANIMAIS. VEJA ALGUNS DESSES ANIMAIS, EM SEGUIDA LIGUE CADA UM PARA O SEU NOME

RATINHO  
RATINHO

GALO  
GALO

GATO  
GATO

CACHORRO  
CACHORRO



2) ORGANIZE OS NOMES DOS ANIMAIS EM ORDEM ALFABÉTICA

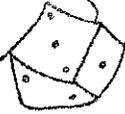
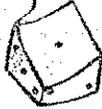
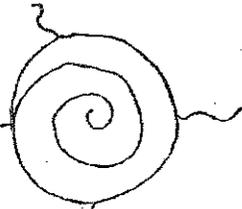
RATINHO RATINHO URSO 1 TOURO	CACHORRO GALO 2 CAVALO BODE	3	ONÇA LEÃO GATO LOBO	4 TIGRE TOURO BURRO BARATINHA
1 BODE	6 GATO		5 ONÇA	
2 BURRO	1 GALO		11 RATINHO	
3 BARATINHA	8 LEÃO		12 TOURO	
4 CAVALO	9 LOBO		13 TIGRE	
5 CACHORRO			14 URSO	

NOME: \_\_\_\_\_

• VAMOS LER:



É UM DEDO, É UM DADO, É UM DIA.  
É UM DIA, É UM DADO, É UM DEDO.  
É UM DEDO, É UM DIA, É UM DADO.  
É UM DADO, É UM DEDO, É UM DIA.



- QUE TAL SE ORGANIZAREM EM GRUPOS PARA LER O TRAVA-LÍNGUA? CADA GRUPO LÊ UMA LINHA.

- COMPLETE O TRAVA-LÍNGUA.

É UM DE DÔ, É UM DADO, É UM DIA.

É UM DIA, É UM DADO, É UM DEDO.

É UM DEDO, É UM DIA, É UM DADO.

É UM DADO, É UM DE DÔ, É UM DIA.



- TROQUE A PRIMEIRA LETRA DA PALAVRA DIA POR L, M, P, R E T. LEIA AS PALAVRAS QUE VOCÊ FORMOU.

L I A

T I A

P I A

R I A

M I A

NOME: \_\_\_\_\_

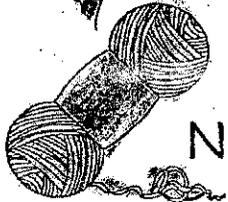
Complete as palavras e mostre que você é "fera":



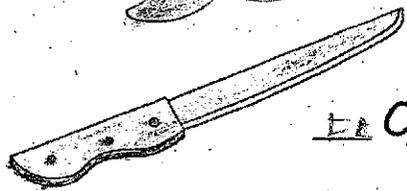
CAVALO



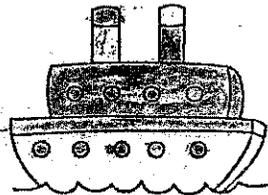
EOCA



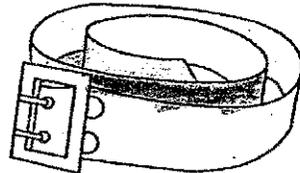
NOVELO



ELCA



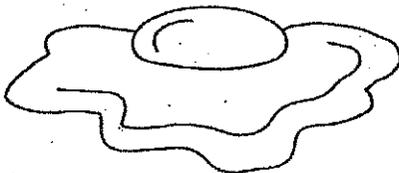
NAVIO



ELVE LA



VACA



OVO

VA  
VE  
VI  
VO  
VU

Escreva os nomes das figuras nos quadrinhos:

1	2
3	4
5	6

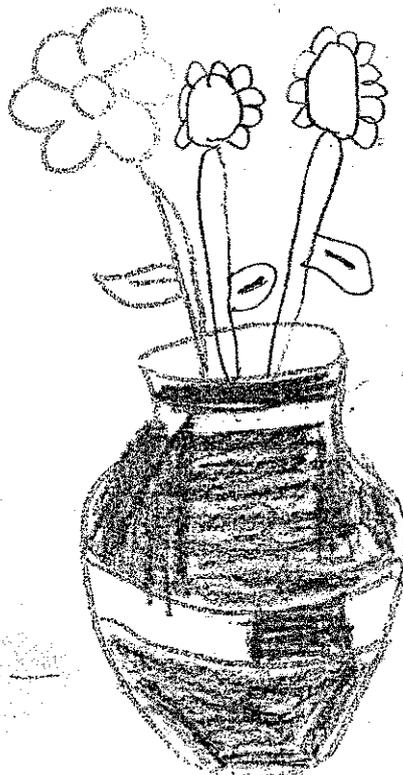
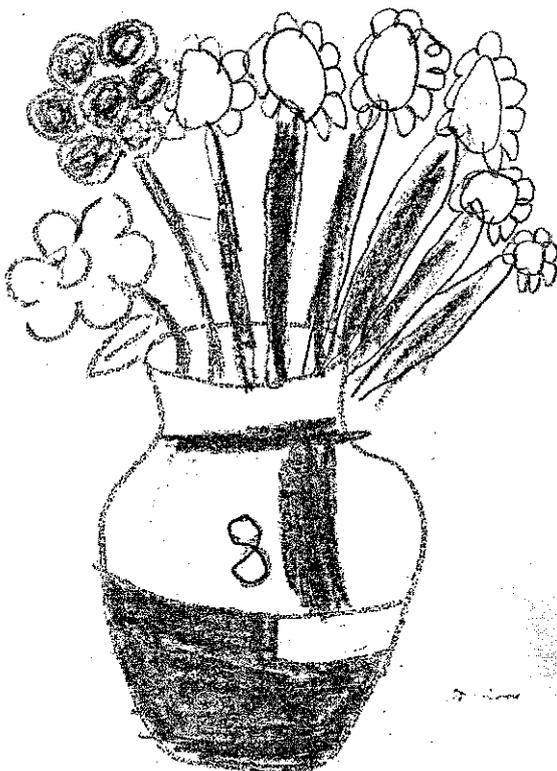
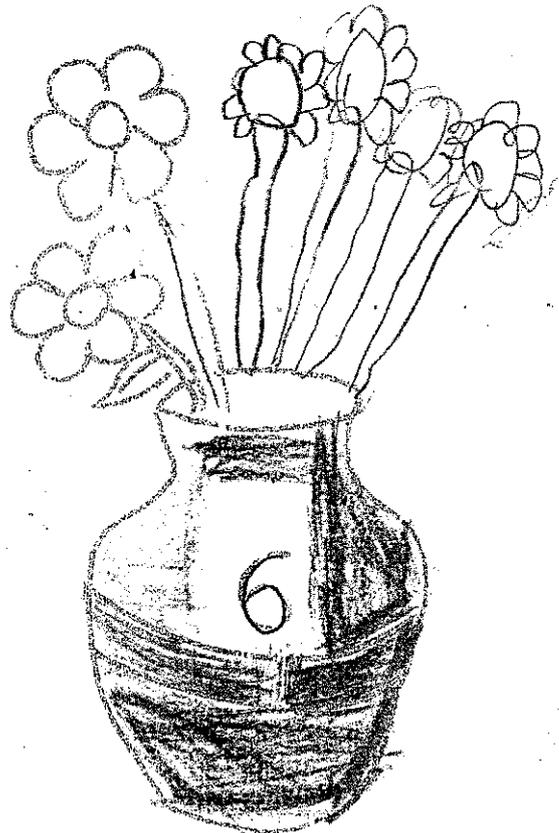
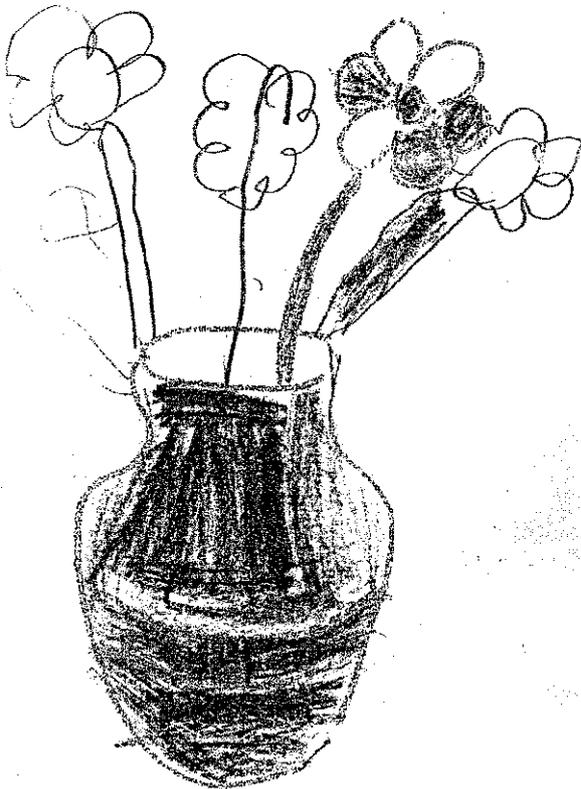
1	C	A	V	A	L	O
2	U	V	A			
3	A	V	I	Ã	O	
4	O	V	O			
5	V	I	O	L	A	
6	V	E	L	A		

ESCOLA: GALDINOPIRES FERREIRA

DATA: 07 DE NOVEMBRO - 2008

NOME: \_\_\_\_\_

① DESENHE FLORES NOS JARROS PARA CHEGAR AO NÚMERO INDICADO:



ESCOLA: \_\_\_\_\_

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

NOME: \_\_\_\_\_

Observe os desenhos e descubra as palavras. Pinte todas as vogais e o que descobrir. Observe o modelo:

A  
E  
I  
O  
U

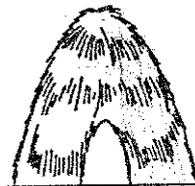


O V E L H A

O V E L H A ovelha

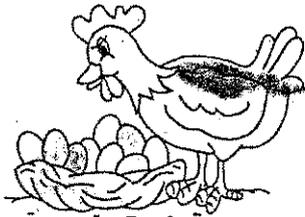


O V O  
O V O



O C A  
O C A

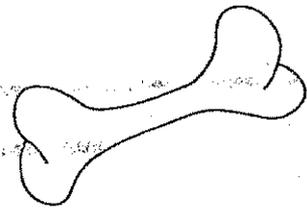
Vamos completar?



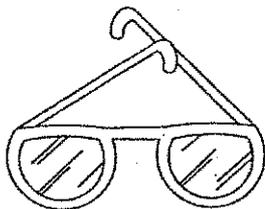
\_\_ V \_\_



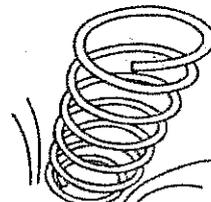
\_\_ M \_\_



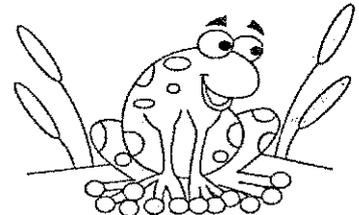
\_\_ S S \_\_



\_\_ C U L \_\_ S



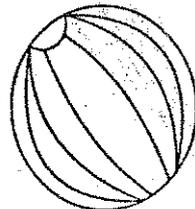
M \_\_ L A



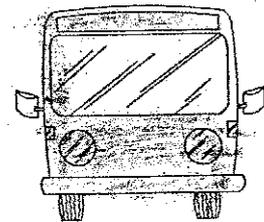
S A P \_\_



P \_\_ T E



B \_\_ L A



\_\_ N I B U S

ESCOLA: GALDINO PIRES FERRE

DATA: 10/12/2009

NOME: \_\_\_\_\_

Escreva nos cubos a letra que começa o nome de cada desenho:

The worksheet contains the following elements:

- Row 1: Book (cube: T), Kite (cube: P)
- Row 2: Pencil (cube: A), Pear (cube: C)
- Row 3: Lollipop (cube: P), Baseball cap (cube: B)
- Row 4: Guitar (cube: V), Chicken (cube: G)
- Row 5: Crocodile (cube: C), Star (cube: F)

Vertical chain of squares on the right: A, B, [empty], C, C

FOTOS: dramatização da historia "o casamento da dona baratinha"



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA